



Desgaste de Guedes passa a produzir ruídos no mercado

Observadores da equipe econômica do Planalto apontam mudança de clima ao redor do astro do time. O ministro da Economia, Paulo Guedes, já foi o dono e senhor dos destinos do dinheiro, mas agora divide protagonismo com um trio de colegas. Passou a ser questionado pela demora nas “entregas” – aplicação das medidas gestadas na pasta. Nesta semana, o desgaste chegou ao auge, com analistas do mercado financeiro atribuindo parte do nervosismo na bolsa e no câmbio a especulações sobre sua suposta decisão de abandonar o governo no início de 2020.

É preciso reconhecer que o próprio Guedes já alimentou esse tipo de presunção. Em maio, em um dos primeiros embates sobre a reforma da Previdência, ao ser questionado do real compromisso do presidente

Jair Bolsonaro com as mudanças, saiu-se com a frase:

– Se sentir que o presidente não quer a reforma, pego o avião e vou morar lá fora.

Na semana passada, ao “defender” uma aprovação rápida no Senado, Bolsonaro afirmou:

– Lamento. Tem que aprovar, não tinha como.

O presidente também garantiu que não tem “plano B” na economia, mas a dúvida só apareceu porque, também na semana passada, ganhou força a hipótese de uma mudança ministerial pós-aprovação da reforma da Previdência. Em algumas das listas de supostos candidatos à dança das cadeiras, apareceu o nome de Guedes. Não estava em todas. Mas embora o ministro seja controverso, tanto pelo discurso quanto pela

prática, a reação do mercado financeiro ontem ainda é um termômetro de sua importância.

É verdade que o dia já não seria dos melhores, diante dos sinais de que a China não está tão disposta como se imaginava a um acordo com Estados Unidos quanto à guerra comercial. Mas com um dia positivo nas bolsas europeias e com discreta baixa em Nova York, especialistas

apontaram na direção de “ruídos internos” para justificar a nova queda de quase 2% no Ibovespa e a alta de 1,17% no dólar (leia mais abaixo). Na bolsa, chamou atenção o fato de um só papel ter registrado alta, entre as empresas que aparecem no radar. Para analistas, embora a probabilidade não seja alta, a dúvida se instalou, dadas as dificuldades enfrentadas pelo ministro. E basta a incerteza.

GAÚCHAZH

Leia outras colunas em gauhazh.com/martasfredo

NEGÓCIOS DE FUTURO



Chance nova para startups de saúde

O Health Plus Innovation Center, que será inaugurado quinta-feira no Tecnopuc, em Porto Alegre, terá uma nova modalidade: 20% das 120 estações de trabalho serão destinadas a empresas nascentes que, para não pagar pelo espaço, preferiram ceder entre 1% e 5% do negócio para a aceleradora e a própria PUCRS. Em compensação, ganham sócios de peso.

– Temos acordo com a Associação Gaúcha de Startups (AGS) para abrir participação a iniciativas focadas em saúde – detalha Paulo Beck, fundador

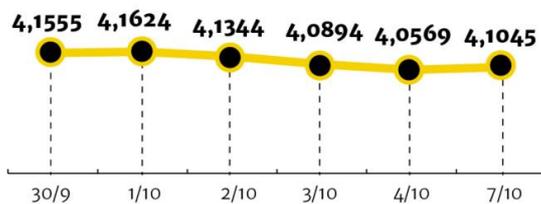
da aceleradora Grow+, parceiro da PUCRS no centro.

No dia da inauguração, haverá um “demoday” (espécie de bateria de testes diante de potenciais investidores). Três startups disputam R\$ 500 mil em investimentos e o ingresso na aceleradora. Também ocorre a segunda rodada de captação de investidores, dos quais 80% precisam ser da área de saúde. Ao se transformar em investidores-anjo, passarão a ser mentores. A Grow+ tem 120 startups, das quais 32 na área de saúde. No final de 2020, pretende ter 250.

Dólar inquieto

Verde e volátil

A queda na cotação comercial da moeda americana no Brasil (em R\$)



Na semana passada, o dólar comercial testou patamares em que há muito tempo não se acomodava. O fechamento da sexta-feira, em R\$ 4,0569, foi o mais baixo desde meados de agosto. O principal motivo para a calma cambial era a desaceleração da economia dos Estados Unidos, que fazia a moeda local perder força ante as demais. A expectativa de que a

divisa se acomodasse perto ou até abaixo de R\$ 4 se esfumou nesta segunda-feira, diante da virtual resistência chinesa a fechar um acordo na guerra comercial travada com os EUA no encontro previsto para esta semana. A volta da boataria ao mercado financeiro acentuou a habitual reação mais acentuada do real, que costuma ser atribuída à liquidez do câmbio por aqui.

Alerta Argentina

A possibilidade de abrir contas em dólares em bancos no Brasil, que o Banco Central encaminhou ontem, é mais uma iniciativa para desregular as transações financeiras. Mas precisa ser administrada com parcimônia. Inicialmente proposta para empresas, agora também será prevista para pessoas físicas. A dolarização tornou a Argentina mais vulnerável a crises externas, como estamos assistindo. Para que funcione, terá de manter a muralha das reservas cambiais, hoje de US\$ 377 bilhões.

4,4%

é a alta ante 2018 estimada pela Confederação Nacional do Comércio (CNC) para o Dia das Crianças. Caso se confirme, será o maior aumento em seis anos.

A INDÚSTRIA GAÚCHA TEVE RECUPERAÇÃO PARCIAL EM AGOSTO. O ÍNDICE DE DESEMPENHO (IDI-RS) AVANÇOU 0,4% EM RELAÇÃO A JULHO, QUANDO HAVIA RECUADO 1%. SEGUNDO A FIERGS, QUE CALCULA O INDICADOR, A ATIVIDADE NO SETOR CONTINUA MUITO INSTÁVEL NO ESTADO. CONFORME DIAGNÓSTICO DA ENTIDADE, ESTÁ “PRATICAMENTE ESTAGNADA” DESDE JUNHO DE 2018.

Estrangeiro “de olhos abertos” no Brasil

No Brasil há 25 anos, a espanhola Mapfre Seguros tem aqui seu segundo maior mercado no mundo. Há seis anos, associou-se ao Banco do Brasil. Satisfeita com o resultado, não descarta a possibilidade de participar em eventuais privatizações de bancos públicos – ou partes –, antecipou à coluna o CEO da empresa, Luis Gutiérrez.

– Estamos de olhos abertos, temos uma parceria ativa com o Banco do Brasil, mas não descartamos outras situações.

Gutiérrez cita como exemplo a Caixa Econômica Federal. A intenção de vender participações em áreas como seguros e loterias

foi anunciada pelo presidente da instituição, Pedro Guimarães, em janeiro. Em dezembro de 2018, a Mapfre adquiriu a metade que pertencia à BB Seguridade na joint venture que mantinham, desembolsando R\$ 2,4 bilhões – mostra do apetite pelo Brasil. Em setembro, a Mapfre mudou a direção no RS, onde atua muito no setor rural, com destaque para produção de uva. O comando passou para Guilherme Bini, que terá o desafio de manter o protagonismo do Estado. Os gaúchos respondem por 20,2% da contratação de seguros residenciais e de veículos da empresa.